

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

NATÁLIA TORRES DE MELO

LABORATÓRIO DE HABITAÇÃO DA BELAS ARTES DE SÃO PAULO:

Histórico e as heranças para as gerações posteriores

SÃO PAULO

2013

LABORATÓRIO DE HABITAÇÃO DA BELAS ARTES DE SÃO PAULO:

Histórico e as heranças para as gerações posteriores

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador(a): Prof. Dra. Luiza Naomi Iwakami

Coorientador(a): Prof. Ma. Débora Sanches

SÃO PAULO

2013

Resumo

A presente iniciação científica trata da situação e das condições da habitação de interesse social em São Paulo a partir da experiência do Laboratório de Habitação da Belas Artes e de sua importância como uma contribuição experimental e inovadora para a metodologia de ensino com projeto participativo junto a comunidades carentes de moradia digna.

Palavras-chaves: Habitação. Laboratório de habitação. Belas Artes. Projeto participativo. Moradia digna.

Abstract

This undergraduate research is about the situation and the conditions of social housing in São Paulo from the experience of the Lab of Fine Arts Housing and its importance as a contribution to experimental and innovative teaching methods with participatory design and needy communities of decent housing.

Keywords: Housing. Laboratory housing. Belas Artes. Participatory project. Decent housing.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Objetivos.....	5
3. Justificativa	6
4. Metodologia	6
5. A situação da habitação de interesse social no Brasil	6
6. Influências para o Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo.....	9
6.1. O arquiteto da cooperativa	9
6.2. A Cooperativa do Sindicato dos Arquitetos	10
6.3. A deficiência na formação de novos arquitetos	11
6.4. Política, igreja, movimentos por moradia, periferia, favelas e a autoconstrução	12
7. O Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo	12
7.1. A estrutura	13
7.2. Os propósitos pedagógicos	14
7.3. A experiência uruguaia	14
7.4. As contribuições	15
8. O encerramento das atividades do Laboratório de Habitação	17
9. As heranças da utopia universitária	17
10. Considerações finais.....	19
Referências Bibliográficas	20

1. Introdução

Na São Paulo do século XX, a situação da população de baixa renda era caracterizada pela falta de moradia digna, principalmente para os imigrantes, o que representava um grande problema social, porém, tratado com certo descaso pelo poder público.

A maior parte da população se sujeitava a baixos salários para sobreviver, principalmente devido a altas taxas de desemprego, e acabavam por “morar” em lugares insalubres como os cortiços, ficando sujeito a doenças de qualquer espécie e nenhum conforto.

A forma encontrada para viabilizar a moradia foi a autoconstrução nas áreas periféricas de cidade, iniciando assim processos de movimentos por moradia, sendo que a luta pela habitação é seguida de perto pela luta dos direitos ao acesso aos serviços urbanos e aos equipamentos comunitários necessários, indispensáveis para evitar a segregação espacial, conforme relata FERREIRA.

Neste contexto, surge o Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo (1982-1986), instituindo novas formas de ensino aos futuros arquitetos a partir de conceitos básicos para desenvolvimento de uma metodologia de projetos participativos e, como resultado, no fim da década de 80, são os mutirões autogeridos e a formação das assistências técnicas.

2. Objetivos

O objetivo geral da iniciação científica é resgatar e registrar o quão importante, inovador e revolucionário foi o Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo (LabHab), partindo da premissa que ele foi o primeiro a explorar a metodologia de ensino com projeto participativo junto a comunidades carentes da periferia.

Além disso, verificar como a geração (alunos e professores) que participou do Laboratório foi transformada em questão social, já que a mesma teve contato com algo nunca visto antes no ambiente universitário, menos ainda na arquitetura, analisar os resultados obtidos e assimilar a herança do LabHab para as gerações posteriores.

3. Justificativa

O Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo (LabHab) tornou possível a discussão da habitação de interesse social de forma clara, levando em consideração que o ensino e a aplicação da arquitetura teria que estar aplicada à realidade brasileira.

Não somente um assunto relacionado com as políticas públicas, envolvendo toda a sociedade de baixa renda, o Laboratório proporcionou a criação de novas perspectivas, tanto éticas quanto estéticas, ou seja, alterou conceitos. A pesquisa do uso de novos materiais para a utilização em sistema de mutirão também foi adotada em muitas obras em anos posteriores.

Sem contar que o laboratório propiciou a formação de arquitetos com sensibilidade social, além da formação técnica e artística necessária, questão que é muito atual para os futuros arquitetos, pois é algo importante, porém, pouco conhecida.

4. Metodologia

A pesquisa para a iniciação científica foi feita através de livros indicados pelas orientadoras, além disso, foi utilizada teses de mestrados e doutorados, artigos lidos diretamente da internet e entrevista realizada com Joan Villà, um dos professores que coordenou o Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo.

5. A situação da habitação de interesse social no Brasil

O crescimento de São Paulo se deu a partir do momento que a cidade se tornou um grande mercado distribuidor e, principalmente, quando as taxas de imigração foram elevadas. Devido à grande concentração de pessoas, São Paulo desencadeia uma crise habitacional, conforme observa BONDUKI (2011: 20).

Enquanto a elite se empenhava em construir uma cidade “moderna”, ou seja, que possuísse uma aparência europeia, a população de baixa renda – sendo que neste grupo incluem-se principalmente os imigrantes – era marginalizada, obrigada a viver em locais insalubres mediante pagamento de valores exorbitantes.

Como os aluguéis eram altos e os salários baixos, inúmeras famílias se sujeitavam a morar em cortiços que eram segundo definição de vereadores da época: “Quartos encarreirados cobertos de meia-água, com pé-direito variando de 10 a 12 palmos (2.20m

a 2.64m) e cujas frentes não davam para a via pública” (Atas da Câmara Municipal de São Paulo, 1881:77).

Os cortiços eram moradias coletivas, onde várias pessoas e famílias poderiam morar, ou melhor, dormir por um valor mais acessível, porém, precisamente por causa deste “modo de morar” que iniciaram as preocupações por parte das autoridades, visto que surgiram problemas sociais e de higiene pública. A medida tomada para sanar o problema foi uma norma para regulamentação de cortiços, onde constavam determinações a serem seguidas para a construção de novos cortiços, porém, os cortiços antigos continuariam da mesma forma.

Devido à grande demanda por moradia por parte dos trabalhadores, iniciaram-se a construção de casas para os mesmos, sendo que eram lugares semelhantes aos cortiços, porém, em melhores condições e com um pátio comum. Em vez de chamar cortiço, foi adotado o nome de vilas, que já era usado no Rio de Janeiro.

Apesar do Estado se envolver teoricamente no assunto, não se envolvia diretamente na resolução do problema, deixando a questão da moradia de interesse social exclusivamente à mercê da iniciativa privada, mediante apenas aos incentivos do Estado. Contudo, os empresários só se interessavam pela construção, exclusivamente, com o interesse financeiro, ou seja, aguardavam a rentabilidade.

Por mais que a situação da moradia de interesse social estivesse sendo tratada com mais afinco, não significava que estava próxima de melhorar. Além da questão financeira, era necessário cuidar de questões mais profundas e discriminatórias por parte da elite, que não permitia em seu campo de visão da pobreza, ou seja, a classe trabalhadora não podia estar dentro da área urbana da cidade, restando-lhes morar nas periferias, onde era mais barato e mais próximo às fábricas, estimulando, conseqüentemente, a segregação espacial.

Até meados de 1930, a forma encontrada para morar pela população paulistana de baixa e média renda era o aluguel de casas – diga-se de passagem que eram casas construídas pela iniciativa privada -, pois não havia formas de financiamento da casa própria como cita BONDUKI (2011:43). Ou seja, durante a Primeira República existiam inúmeros investidores interessados em aplicar seus montantes na construção de moradias para disponibilizá-las para locação, pois o lucro era certo, o investimento seguro e os valores dos aluguéis eram regulados apenas pelo mercado.

Quando Getúlio Vargas assume a presidência do Brasil, a questão sanitária – que era o principal tema tratado quando o assunto era habitação de interesse social até então – passa para segundo plano e novos temas surgem, a habitação passa a ser encarada como uma “(...) condição básica de reprodução da força de trabalho (...)” (BONDUKI, 2011:73) e um “(...) elemento na formação ideológica, política e moral do trabalhador (...)” (BONDUKI, 2011:73), ou seja, havia certo grau de intenção de manipulação popular e esta era a base para sustentação política.

“O presidente Getúlio Vargas decretou a Lei do Inquilinato, facilitou o acesso ao lote próprio e iniciou uma significativa produção de conjuntos residenciais, através das Caixas e Institutos de Aposentadoria e Pensões e da Fundação da Casa Popular, primeiro órgão federal específico voltado para a produção da moradia popular.” (BONDUKI, 2011). Apesar de todo empenho para implantação de uma política habitacional e conjuntos de qualidade, o projeto fracassou, porém, deixou construções significativas como o Conjunto Residencial de Realengo no Rio de Janeiro.



Imagem 1: Conjunto Residencial de Realengo durante sua construção Fonte: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1459>

Neste momento, alguns arquitetos - não necessariamente juntos - faziam diversos esforços para pensar em soluções para o problema de moradia. Em contrapartida, o governo implantou o Banco Nacional de Habitação (BNH), estabelecendo uma ação habitacional inédita. O BNH era custeado pelo Fundo de Garantia dos Trabalhadores e funcionava como uma poupança, ou seja, o dinheiro retornaria para o Fundo e o governo não despenderia nenhum recurso público para manter as obras.

“Apesar da construção em massa de 4 milhões de unidades durante os vinte anos de sua existência, o BNH destinou apenas 18% dos recursos às famílias que ganhavam menos de cinco salários mínimos e que representavam três quartos da população” (ARANTES, 2002:164). Ou seja, por mais que a iniciativa fosse interessante, não foi bem sucedida, pois a classe trabalhadora, que deveria ser a principal beneficiada, não chegou a ser contemplada de forma significativa.

Como as formas propostas pelo governo para suprir o déficit habitacional não funcionavam adequadamente, “A maioria dos trabalhadores continuou resolvendo o problema de falta de moradia através da autoconstrução em loteamentos clandestinos na periferia (...)” (ARANTES, 2002:165). Porém, a solução dada pela população foi se tornando ineficiente conforme a terra encarecia e o Estado instituía a Lei Lehman contra loteamentos clandestinos. Como a terra estava escassa, o acesso a ela passou a ser feito por invasões de áreas públicas e, principalmente, de preservação ambiental, formando favelas.

6. Influências para o Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo

A criação e inauguração do LabHab foi a prática de uma arquitetura “além-muros do atelier”, que sofreu influências desde sua criação até sua consolidação, no entanto, seus reflexos estão presentes nos profissionais que atuaram como alunos ou professores com a criação de outros laboratórios em faculdades de arquitetura e urbanismo ou formação das assessorias técnicas.

6.1. O arquiteto da cooperativa

Em 1968, Joan Villà formou-se na Universidade Mackenzie e, posteriormente, foi obrigado a se exilar por causa de perseguição política. No período de exílio, concluiu o curso de

mestrado na área de Urbanística Técnica e Pré-fabricação na Escola Politécnica de Milão e voltou a residir na Espanha.

Neste momento, Villà acaba tendo contato com manifestações políticas europeias, principalmente espanholas, que tinham a participação de estudantes universitários e da sociedade, de modo geral.

Ao retornar para a cidade em que os pais residiam, Villà começou a trabalhar em uma Cooperativa de Palma de Maiorca com outros arquitetos, o que o influenciou cultural, social e politicamente.

Dentro da Cooperativa, o arquiteto pôde ter contato, pela primeira vez, com um programa habitacional, o que propiciou a oportunidade de trabalhar com uma grande equipe de profissionais - onde nem sempre as ideias eram iguais - e de trabalhar com um com uma grande demanda de clientes, ou seja, não era somente um cliente no projeto, era um coletivo que gerava um processo decisório profissional na vida de todos os arquitetos envolvidos, inclusive em Joan Villa.

Em 1974, Villà retorna ao Brasil e, em 1975, é convidado para dar aula na Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Santos. Ainda em 1975, Jon Maitrejean, presidente do Sindicato dos Arquitetos, tem acesso a informações da experiência em cooperativa que Villà vivenciou na Espanha e propõe a formação de uma cooperativa dentro do sindicato.

6.2. A Cooperativa do Sindicato dos Arquitetos

Em 1978, houve a formação da Cooperativa do Sindicato dos Arquitetos, que contava com a contribuição dos arquitetos Alfredo Paesani, Jon Maitrejean, Joan Villa e Jorge Caron.

A criação da Cooperativa apresentava uma forma concreta de implantação de uma assessoria técnica brasileira, algo mais consolidado e mais próximo aos moldes da Cooperativa espanhola. Porém, este primeiro contato com a experiência causava certa inibição profissional, que foi quebrada com um gesto simbólico do arquiteto Joan Villà ao tirar dinheiro do próprio bolso e colocar no chão, deixando claro que havia uma inércia profissional a ser quebrada, principalmente por problemas de natureza operacional.

A primeira experiência da Cooperativa foi em São Miguel Paulista com o incentivo do padre Zé Maria, o qual cedeu o salão paroquial para os trabalhos da assessoria técnica com a comunidade local. Devido às constantes propagandas feitas nas missas, a procura pelos serviços da Cooperativa foi grande, no entanto, só houve atendimentos isolados para a comunidade local e nenhum atendimento coletivo, onde um conjunto tenha sido beneficiado.

Jorge Caron, pouco tempo depois, foi convidado a assumir a direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da FEBASP, sendo previsível que ele fosse carregar para a faculdade um pouco de seus conhecimentos profissionais.

O futuro Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo (LabHab) foi baseado em práticas profissionais deste momento histórico, pois o intuito da Cooperativa era “(...) fornecer assessoria técnica à população mais pobre da cidade e pretendia fortalecer movimentos populares.” (POMPÉIA, 2006:9).

6.3. A deficiência na formação de novos arquitetos

Com o fracasso da Cooperativa, foi possível identificar os motivos para isso ter ocorrido e a conclusão foi bem óbvia, ela foi constituída por jovens arquitetos, que possuíam pouca ou quase nenhuma experiência, sem contar que quase nenhum tinha interesse pelo cooperativismo.

Além disso, os jovens arquitetos envolvidos na Cooperativa não tinham nenhuma preparação para responder perguntas elementares sobre custos, tempo ou valores a serem poupados.

Dentro do sindicato, há a reflexão e o questionamento sobre a formação dos arquitetos e o quão importante seria a introdução de uma disciplina de habitação popular ou algo do gênero na grade curricular das escolas já atuantes. A partir daqui, o foco é pensar em outro tipo de arquiteto ou, se possível, a ampliação da formação para conduzir para as necessidades de nosso país.

O momento político conturbado e a ânsia por mudanças na formação do arquiteto fazem com que Jorge Caron seja chamado por Paulo Cardim para coordenar um curso de arquitetura na Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Ao assumir o compromisso, Jorge

Caron convida o amigo Joan Villà para integrar o corpo docente, tornando o novo ambiente universitário propício para a cooperativa dos arquitetos reaparecer.

6.4. Política, igreja, movimentos por moradia, periferia, favelas e a autoconstrução

Ao mesmo tempo em que o LabHab era concebido, a periferia da cidade de São Paulo crescia sem diretrizes urbanas adequadas, ocupando áreas não recomendadas. Por outro lado, os primeiros movimentos por moradia se organizavam para reivindicar seus direitos à moradia digna, sendo que a organização mais expressiva, nesta época, foi a Coordenação de Movimentos de Moradia (CMM). Aos poucos, os movimentos por moradia ganham força, principalmente por ainda haver uma organização de combate à ditadura.

Conforme há a abertura política e a possibilidade de organização em partidos políticos, até então proibidos, os movimentos de esquerda iniciam uma desarticulação, que, ao invés de se manterem unidos contra os objetivos em comum, acabam se dividindo. Além desta divisão, inicia-se a redução progressiva do envolvimento da igreja, que deixam de apoiar movimentos de trabalhadores na periferia, no entanto, durante a ditadura, a igreja teve papel fundamental pelo significativo apoio às lutas sociais.

Neste período efervescente, ocorre a intensificação de invasões de terras e a mudança de paradigmas habitacionais; momento em que a “(...) autoconstrução e as habitação de favelas eram classificadas como ‘subnormal’.” (POMPÉIA, 2006: 12). Em 1979, surge o Fundo de Atendimento à População Moradora em Habitação Subnormal (FUNAPS) na gestão de Olavo Setúbal.

7. O Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo

O Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo (LabHab) foi concebido por iniciativa de professores e alunos, funcionando, oficialmente, do dia 1º de maio de 1982 a 24 de março de 1986 e tendo como seu principal idealizador o professor arquiteto Jorge Caron, sendo que a proposta da atividade foi considerada uma das melhores para o ensino de Arquitetura no estado de São Paulo. A atividade acadêmica de caráter extracurricular fez com que a faculdade se tornasse “(...) a primeira entidade estruturada e permanente de assessoria técnica voltada especificamente para os aspectos de arquitetura, urbanismo e construção surgida em São Paulo” (BONDUKI, 1992: 16).

A proposta foi apresentada no XI Congresso Brasileiro de Arquitetos, em 1982, em Salvador, com o título “Uma nova prática para uma nova escola” pelo próprio Jorge Caron. O discurso do arquiteto deixou clara as intenções do LabHab e deixou evidente que a experiência inédita no país visava inserir estudantes de arquitetura à realidade brasileira, diminuir as lacunas entre a teoria e a prática profissional, aproximar as questões de tecnologias construtivas e a realidade em que estão inseridas e, além disso, almejava complementar a formação através de atividades de assessoria à comunidade carente, que não utilizava os serviços de arquitetos por inúmeros motivos, dentre eles, por julgar arquitetura como supérflua.

7.1. A estrutura

A faculdade fez a previsão de custos para colocar a atividade em prática e mantê-la de forma adequada.

A equipe fixa contava com 5 professores e 20 alunos, sendo que os professores recebiam por hora-aula o mesmo valor que uma aula comum e os alunos recebiam bolsa de estudos para continuar as atividades no laboratório em período integral e garantir a qualidade daquilo que era produzido dentro do laboratório.

Quanto ao espaço, o laboratório foi instalado dentro de uma sala própria de 70 m² e toda a mobília foi confeccionada pelos próprios alunos e professores, tendo esta sido a primeira atividade prática do grupo.



Imagem 2: Professores e alunos do Laboratório da Habitação da Belas Artes de São Paulo em sua primeira formação de 1982. Fonte: arquivo pessoal de Nabil Bonduki.

7.2. Os propósitos pedagógicos

Por se tratar de uma atividade que envolvia alunos e professores, o LabHab possuía objetivos essencialmente experimentais, ou seja, buscava-se o desenvolvimento da nova prática de ensino a partir de reflexões, teorizações, ideias, métodos ou informações de qualquer gênero, contanto que fossem relevantes aos estudantes e estivessem de acordo com a proposta pedagógica instituída desde o princípio.

7.3. A experiência uruguaia

Dentro do LabHab foram realizadas diversas pesquisas voltadas para a área de tecnologia construtiva, urbanismo e tipologias. Além disso, houve intercâmbio com centros de pesquisas para ampliação das pesquisas, conforme POMPÉIA (2006:26).

Em busca de reforço para a formação dos alunos, o LabHab participou do encontro de cooperativas de moradia, contando com a contribuição da FUCVAM (Federacion Uruguay de Cooperativismo de Vivienda por Ayuda Mutua) e com o CCU (Centro Cooperativista Uruguayo), sendo estas as mais importantes instituições populares por moradia no Uruguai ligadas diretamente à população de baixa renda e aos sindicatos dos trabalhadores.

O intercâmbio – financiado pela própria Belas Artes – influenciou a atuação do Laboratório de tal forma que envolveu inclusive os projetos e as tipologias adotadas. Foi a partir desta experiência que Joan Villà teve contato mais íntimo com o trabalho de Eládio Dieste e os painéis pré-fabricados, conforme o próprio Joan Villà informou¹.

7.4. As contribuições

A existência do LabHab propiciou a oportunidade da realização da construção de inúmeras moradias, sendo imprescindível a participação de alunos e professores – os “técnicos da comunidade”² –, pois atuavam como agentes sociais, além disso, intermediavam a causa entre a comunidade e o poder público.

Uma das primeiras experiências do Laboratório foi junto à comunidade “Recanto da Alegria”, onde, inicialmente, pretendia-se construir as casas com a tecnologia “solocimento”³, porém, os mutirantes ficaram bem insatisfeitos, visto que o esforço era demasiado para quem trabalhava a semana inteira, além disso, havia certa desconfiança em relação à qualidade dos tijolos prensados. Por fim, as casas foram construídas, através de mutirão, com bloco de concreto e cobertura convencional.

Por mais que todas as experiências tenham sido válidas, dentre os projetos realizados, o Projeto Grajaú foi o que mais se destacou, pois é aqui que surge a luta pela gestão popular, ou seja, a ideia de mutirão autogerido⁴, e a utilização da tecnologia desenvolvida no LabHab.

O LabHab iniciou a assessoria técnica para o Projeto Grajaú a partir do momento em que a população não aceitava os projetos da COHAB. Por fim, devido a manifestações, a COHAB aceita o projeto elaborado pelo LabHab e libera a verba, porém, não autoriza a liberação de recursos para a construção do canteiro de obras, o que fez com que houvesse um desfalque financeiro. Porém, ao notar que a obra não seria terminada, pois faltaria cobertura na maioria das casas, o arquiteto Joan Villa propõe lajes de painéis pré-fabricados inspirados na experiência do Uruguai, que era uma forma mais barata de fazer

¹ Entrevista realizada em 7 de março de 2013.

² Assim eram chamados os alunos e professores do Laboratório pela população.

³ Mistura de cimento com terra úmida utilizada na fabricação de tijolos prensados (POMPÉIA, 2006:27).

⁴ Entende-se por autogestão na produção da moradia um processo de gestão do empreendimento habitacional em que os futuros moradores, organizados em associações ou cooperativas, administram a construção das unidades habitacionais em todos os seus aspectos, a partir de regras e diretrizes estabelecidas pelo poder público, quando este participa financiando o empreendimento. (BONDUKI, 2000:35)

as coberturas, sem comprometer a qualidade. Este seria o primeiro teste oficial dos painéis.



Imagem 3: Teste do primeiro painel cerâmico, onde estão os professores Yopanan Rebello (a esquerda), Joan Villà (no centro) e Nabil Bonduki, entre as lideranças comunitárias, no LabHab da Belas Artes de São Paulo de 1982 a 1985. Fonte: arquivo pessoal de Joan Villà.

Conforme entrevista⁵ realizada com o arquiteto Joan Villà, os mutirantes do Projeto Grajaú eram participativos e queriam estar presentes em todas as etapas, desde reuniões a decisões de qualquer espécie. A população era tão pró-ativa que queriam fabricar até os tijolos para a construção das casas.

⁵ Entrevista realizada em 7 de março de 2013.

8. O encerramento das atividades do Laboratório de Habitação

Conforme o LabHab ganhava confiança dos movimentos por moradia e a demanda por assessoria técnica crescia sem parar, o laboratório foi se tornando referência, porém, em determinado momento, não havia como atender todas as solicitações que surgiam. Conclui-se que o trabalho que foi iniciado em uma atividade universitária era necessário, além disso, “(...) era importante para o avanço das novas propostas políticas dos movimentos populares, que apontavam no sentido de superar o caráter meramente reivindicatório, ganhando a perspectiva da autogestão” (BONDUKI, 1992: 18).

Conforme DUALIBI (2011:6), “Na prática, o Laboratório foi o pioneiro no que viria a se chamar posteriormente de prestação de serviços de assessoria técnica às comunidades carentes da periferia das cidades.”. Portanto, os alunos que participaram da enriquecedora atividade tiveram um complemento à formação, sendo que, após a efetiva graduação, muitos dos envolvidos continuaram profissionalmente com a experiência, não somente no quesito de amadurecimento de tecnologias construtivas como também com a maneira de interpretar os projetos, levando em consideração a participação da comunidade, e a forma de propor uma solução justa e adequada para a demanda.

9. As heranças da utopia universitária

Após fechamento do Laboratório de Habitação da Belas Artes, muitos arquitetos que marcavam presença na atividade foram trabalhar em outras faculdades, onde acabaram por influenciar a criação de outros laboratórios, como O Laboratório de Habitação da Unicamp – fundado pelo próprio Joan Villà –, o HABITAF AUS da Universidade Católica de Santos, o L’Habitat da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e o LabHab da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP).

Além disso, “(...) Algumas experiências municipais, como o programa de habitação social em São Paulo no governo Erundina (1989/1992)⁶ (...) criaram referências inovadoras, restabelecendo o vínculo entre arquitetura e habitação.” (BONDUKI, 2011), onde vários professores e alunos formados pela Belas Artes atuaram neste programa com grupos de assessoria técnica ou diretamente com o poder público municipal. Nesta gestão, houve a implantação da produção de habitação de interesse social através de mutirão e

⁶ Nabil Bonduki – um dos professores que participou do Laboratório de Habitação das Belas Artes de São Paulo – foi superintendente de Habitação Popular e secretário-executivo do Fundo de Atendimento à População Moradora em Habitação Sub-Normal (Funaps).

autogestão, sendo possível identificar o objetivo de fortalecer a participação popular com projetos de qualidade inquestionável a baixo custo.

10. Considerações finais

Ao longo do desenvolvimento da iniciação científica, foi possível identificar diversos fatores que condicionam e propiciam a habitação de interesse social, ainda que esta varie muito de acordo com o local em que é construída, tipologia, material, arquiteto e etc, porém, nada foi tão enriquecedor quanto o contato com algo tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante que é o Laboratório de Habitação da Belas Artes de São Paulo.

Durante a entrevista com Joan Villà e as leituras recomendadas pelas orientadoras, foi possível perceber que muitos pontos pesquisados foram, de fato, fatores geradores para a concepção do mutirão autogerido e assistências técnicas, ainda que em um âmbito pequeno se comparado com o tamanho da cidade de São Paulo, porém, significativo e extremamente relevante para a situação da habitação para a população de baixa renda e os movimentos por moradia.

Além da contribuição para algumas comunidades, enquanto funcionou o LabHab, este cumpriu seu papel de forma exemplar através da metodologia de ensino com projeto participativo junto a comunidades carentes da periferia, alterando o “modo de morar” para algumas comunidades e o “modo de ensinar” para uma geração inteira, formando profissionais capazes de identificar problemas e propor soluções de acordo com a realidade brasileira e específica de cada comunidade.

Concluindo – e concordando com o mestre – que “Se a nossa profissão não estiver claramente a serviço da população, ela não é nada” (Joan Villà)⁷ e que, por mais que o Laboratório tenha fechado há mais de 25 anos, ele ainda é capaz de motivar os futuros arquitetos.

⁷ Declaração em entrevista em 7 de março de 2013.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura nova**: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões. São Paulo: Editora 34, 2002.

BONDUKI, Nabil. **Da Vila Operária de Marechal Hermes ao Minha Casa Minha Vida**. 07/05/2011. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/rio/da-vila-operaria-de-marechal-hermes-ao-minha-casa-minha-vida-2772888>>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

BONDUKI, Nabil. **Habitação e autogestão**: Construindo territórios de utopia. Rio de Janeiro: 1992.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**: Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação liberdade, 2011.

CAMPOS, Eudes. **Casas e vilas operárias paulistanas**. Informativo arquivo histórico municipal, 4 (19): jul/ago.2008. Disponível em <<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

DUALIBI, Jackson. **Arquiteto Joan Villà**: A construção de cerâmica armada. São Paulo: 2013.

DUALIBI, Jackson. **Arquiteto Joan Villà**: A construção de pré-fabricados cerâmicos. São Paulo: 2011.

FERREIRA, Regina Fátima Cordeiro Fonseca. **Movimentos de moradia, autogestão e política habitacional no Brasil**: Do acesso à moradia ao direito à cidade.

POMPÉIA, Roberto Alfredo. **Os Laboratórios de Habitação no ensino da arquitetura**: Uma contribuição ao processo de formação do arquiteto. São Paulo: 2006

VILLA, Joan. **Laboratório de habitação, vinte cinco anos depois**. São Paulo: 2009.